

A contribuição do pensamento de Boaventura de Sousa Santos para a pesquisa em Educação Especial

Aline Menezes Bregonci
Professora da UFES
alinebregonci@hotmail.com

Eixo: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

Comunicação oral

Resumo: O presente artigo busca discutir os alguns elementos presentes no pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2010) e como os mesmos podem contribuir para a pesquisa em Educação Especial. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que a partir da reflexão do pensamento do autor, levantou alguns pontos que são apresentados ao longo do texto. São discutidos conceitos que problematizam a questão da modernidade, e também àqueles que de forma propositiva sugerem a construção de novos caminhos a partir do resgate dos saberes que foram negligenciados no passado, incluindo a área da Educação Especial como novo paradigma de discussão acerca da pessoa com deficiência na sociedade.

Palavras-Chave: Modernidade. Pós-modernidade. Educação Especial

Introdução

O pensamento de Boaventura de Sousa Santos contribui para pensar sobre diferentes temáticas que envolvem a questão da Modernidade e seu projeto, principalmente no que tange as práticas políticas e sociais. O autor tem construído uma caminhada rumo às teorias que buscam discutir o projeto hegemônico de ciência e sociedade, na tentativa de construir novas formas de inteligibilidade, objetivando “um conhecimento prudente para uma vida decente”, segundo as próprias palavras do autor.

O ponto de partida de Sousa Santos (2010) se dá na perspectiva de que todo conhecimento é social, ou seja, ele não hierarquiza o conhecimento, mas dá a ele a vinculação aos diferentes modos de produzi-lo.

Essa postura contribui com a discussão sobre o que é conhecimento científico e em consequência, o que é ciência. Essa preocupação faz-se necessária em virtude de pensarmos possibilidades alternativas ao que é vigente.

Para tanto o autor dá algumas pistas que auxiliam nessa reflexão. A primeira dela está centrada no que ele chama de conhecimento-regulação, conceito que está assentado na ideia de que o processo do conhecer leva do caos à ordem. Partindo desse pressuposto, compreendemos que para construir outras inteligibilidades, precisamos necessariamente problematizar o que está posto. Para o autor, apenas o conhecimento-emancipação seria capaz de superar a ignorância estabelecida pelo colonialismo e propor a busca da solidariedade de modo a romper com a forma hegemônica de produção do conhecimento (Oliveira,2008).

Partindo do que Sousa Santos (2010) sugere como conhecimento-emancipação, propomos uma discussão na qual o seu pensamento auxilie a pensar as questões da Educação Especial e assim construir outras inteligibilidades possíveis.

Discutindo paradigmas

As propostas elencadas por Sousa Santos ajudam a pensar como se deu o estabelecimento dos paradigmas que fundamentaram durante anos a educação das pessoas com deficiência.

As reflexões trazidas por ele apontam principalmente para a discussão do projeto da Modernidade e como este, através da lógica Positivista, foi capaz de determinar o modelo de ciência e de categorizar o que seria conhecimento ou não. Deste modo, toma-se como ciência o que está vinculado à academia e as normas rígidas dos experimentos científicos.

O mesmo Positivismo que constrói essa visão foi responsável por auxiliar na sustentação de duas coisas que foram muito caras a História. A primeira delas está fundamentada na lógica do progresso, o que estava afinado ao pensamento da época da Revolução Industrial, que culminou com a disseminação da ideia de que o homem deveria ser um ser produtivo. A segunda é que se este homem não é produtivo, este não possui um lugar de colocação na sociedade do progresso.

Essa lógica se perpetuou desde o final do século XVIII e se arrasta até o século XXI, onde temos contrapontos, mas essa visão permanece em vários aspectos da nossa sociedade.

Quando Sousa Santos (2010) resgata o movimento feito por ele em debater a natureza do conhecimento científico e sua lógica, ele contribuiu principalmente para a superação de algumas dicotomias presentes em nossa sociedade: natureza/sociedade e relação sujeito/objeto. Ao propor essa reflexão, Sousa Santos aponta para um movimento que seja capaz de considerar o que é científico e outros saberes, e que desse encontro, seja possível fazer com que a ciência seja o novo senso comum e que esta não fique mais presa ao espaço da academia.

O “novo senso comum” não é o “senso comum” que é utilizado para impor/oprimir a população ou mesmo naturalizar preconceitos e as desigualdades, ou ainda aquele demonizado pela ciência em nome do rigor científico. O novo senso comum seria centrado na solidariedade e na emancipação.

Ao pensar nisso, o autor avança em sua concepção de pós-moderno e pós-modernidade e contribui para pensarmos em como as práticas capitalistas ao longo da modernidade afetaram o que hoje chamamos de pós-modernidade e pós-moderno.

Quando propomos a pensamento de Sousa Santos como uma base teórica que pode contribuir para pensar a Educação Especial acreditamos que este movimento que o autor faz, ajuda a compreender o lugar da pessoa com deficiência no projeto da modernidade e como que ao longo da história esse lugar foi se transformando no que é hoje.

Assim, como ao longo da história os saberes da ciência foram hierarquizados, os efeitos produzidos por este o foram também, condicionando a pessoa com deficiência ao olhar da falta, da ausência, o que produziu para essas pessoas um lugar de exclusão ao longo dos séculos.

Quando Sousa Santos propõe uma crítica concebida como pós-moderna ao pensamento moderno, esta contribui para a construção de outra racionalidade, na qual outros modos possíveis são esperados, ou seja, o autor não pretende com sua crítica criar outras formas de sujeição, mas ao contrário, problematizar o que o movimento do pós-modernismo colocou e avançar no que ele concebe como pós-modernidade, algo que está além.

Para elaborar essa crítica Sousa Santos (2010) parte da ideia de que só seria possível fazer essa análise a partir das experiências de grupos que sofreram com a hegemonia do pensamento moderno.

No entanto, em meados da década de 1990 era claro para mim que tal reconstrução só podia ser completada a partir das experiências das vítimas, dos grupos sociais que tinham sofrido com exclusivismo epistemológico da ciência moderna e com a redução das possibilidades emancipatórias da modernidade ocidental às tornadas possíveis do capitalismo moderno, uma redução que, em meu entender, transformou a emancipação social no duplo, e não no contrário, da regulação social. (p.27)

É possível considerar que as pessoas com deficiência sofreram com o que o autor denomina de exclusivismo epistemológico, pois tanto no discurso que excluía essas pessoas como seres não produtivos, quanto naqueles em que a academia determinava o seu lugar, pode-se constatar isso.

Assim, posicionar-se como Sousa Santos, com uma crítica centrada na pós-modernidade com o intuito de problematizar o passado e expandir o presente, podemos compreender os processos que esse exclusivismo epistemológico deixa como legado para as pessoas com deficiência, principalmente no que concernem as questões da exclusão social

É possível observamos essas questões quando olhamos para história e concluimos que as legislações que versam sobre direitos da pessoa com deficiência, por exemplo, são bem recentes e que muitas ainda estão tramitando em projetos nas esferas do legislativo em nosso país, ou que a escolarização do público alvo da Educação Especial ainda mostra-se como algo polêmico no campo da educação.

Deste modo Sousa Santos nos convida a pensar a partir da lógica do Sul, pois ele considera que o paradigma moderno é centrado na ideia de dominação do hemisfério norte. Pensar a partir dessa inversão seria o que o autor denomina de conhecimento prudente, ou seja, refletir a partir do sul e de outras possibilidades.

A colonização enquanto processo

Outro ponto no qual o autor se debruça é o movimento da colonização. É importante destacar como esse movimento contribuiu para a formação dos grandes bolsões de pobreza do mundo e assim, concentrar nesses espaços, diversos grupos socialmente excluídos e com seus saberes e culturas totalmente negligenciados, ou seja, a mercê do paradigma dominante e do que é denominado ciência.

Vale lembrar que em sua maioria, os países que foram metrópoles, representaram em grande parte da história, o ideal de civilização e desenvolvimento científico, intelectual e tecnológico pregado pelo Positivismo e pela Modernidade, no entanto, esse movimento fez com que no mundo as diferenças sociais se agravassem, causando extrema pobreza e violência, afinal o movimento de colonização foi um movimento extremamente violento.

Mesmo sendo a “mola propulsora” de todas essas desigualdades, o Norte vem se mostrando insensível a tudo isso, por isso que Sousa Santos aponta que os saberes do Sul precisam emergir para frear essa lógica e formar uma contraposição ao que a modernidade pregou durante muitos anos.

Pensando no que o autor aponta é possível considerar que as pessoas com deficiência também foram vítimas da lógica colonizadora, uma vez que essas, poucas vezes na história, tiveram participação ativa para decidir sobre sua educação e inclusão social. O projeto moderno não colonizou apenas latino-americanos, africanos e asiáticos, mas todos aqueles que de alguma forma fugiam ao ideário de progresso.

Para Sousa Santos Pós-colonialismo e Pós-modernidade não representam um mesmo movimento, mas o que essas duas propostas de discussão trazem em comum é o movimento que contribui para a construção de uma crítica necessária, ou seja, se a pós-modernidade quer discutir o projeto moderno e propor outras racionalidades, o pós-colonial movimenta-se no sentido de discutir o que foi o colonial, um dos projetos da modernidade, e discutir quais os impactos disso dentro dos países que foram colonizados.

Nesse sentido o autor nos diz

Em meu entender a contraposição absoluta entre o pós-moderno e o pós-colonial é um erro, mas, por outro lado, o pós-moderno está longe de satisfazer as preocupações e as sensibilidades trazidas pelo pós-colonialismo. Entendo por pós-colonialismo um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presente em todas as ciências sociais, que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. (SOUSA SANTOS, 2010, p.28)

A partir do que o autor coloca é possível compreender que ambos movimentos procuram fazer uma crítica ao que foi o pensamento hegemônico dos séculos XVIII, XIX, XX e suas consequências para o século XXI. Isso porque ainda é possível perceber a presença das grandes narrativas, do desenvolvimento e do progresso como características marcantes da contemporaneidade.

É possível perceber que esses movimentos têm proposto discutir a oposição do que foi posto até então como as concepções históricas a partir dos vencedores, o universalismo, as hierarquias e as metanarrativas, para isso, tanto a Pós-modernidade, quanto o Pós-colonialismo tem dado ênfase nos discursos heterogêneos, nos conhecimentos marginais e em outras epistemologias possíveis, para além do pensamento do Norte.

Se colocarmos a pessoa com deficiência e sua trajetória histórica no centro deste debate, é possível constatar que sua história está alinhada ao que debatemos até aqui, dessa forma, o pensamento de Sousa Santos ajuda a pensar uma crítica ao isolamento social e a regulação social que essas pessoas sofreram, tais como a concepção de que a deficiência era algo em consequência do

pecado, ou que as mesmas existiam para que os cristãos pudessem exercer a caridade. (Bianchetti, 1995)

Para compreender melhor esta relação, basta nos apoiarmos na teoria de que na Modernidade o corpo humano era considerado uma máquina e que o corpo do deficiente, conseqüentemente, era uma máquina com defeito (Bianchetti, 1995)

Assim como os demais povos periféricos, os deficientes viveram e ainda vivem entre o que o Sousa Santos (2010) vai denominar de tensão entre regulação social e emancipação social (p.31).

Essas questões são provenientes de duas grandes correntes teóricas da modernidade ocidental – o liberalismo político e o marxismo. Enquanto o liberalismo político está centrado no desenvolvimento do capital e conseqüentemente sua emancipação econômica, o marxismo está centrado na emancipação do sujeito a partir da luta de classes num momento pós-capitalista.

No entanto, é possível compreender que mesmo o pensamento que não corrobora com a ascensão do capitalismo, faz parte do conjunto de ideias que historicamente estão colocadas dentro da modernidade, como é o caso das ideias marxistas.

Inclusive, dentro da lógica de classe vigente na época, Marx em suas análises cria categorias nas quais os povos marginais se encaixam em sua teoria, o que mostra que seu pensamento estava centrado na lógica centro-periférica, núcleos urbanos e luta de classes. Contudo, nesse cenário, em sua teoria, Marx também vislumbra um momento de colocação desses povos periféricos a partir da esperança de criação de um horizonte pós-capitalista.

Nesse sentido, a teoria marxista se difere do pensamento liberal, pois projeta outra possibilidade de lógica social bem distinta da criada pelo capitalismo.

Além disso, alguns pensadores marxistas, como Gramsci, contribuem com o avanço desse conceito, considerando que o homem além de pertencente a um

grupo social é sujeito da história, o que contribui com a ideia de que as classes populares não são massa, mas são compostas por sujeitos que contribuem histórico e socialmente com sua transformação.

Outro aspecto que cabe ressaltar é que o pensamento marxista contribui com uma crítica consistente ao projeto de modernidade, quando considera que os movimentos sociais poderiam contribuir para que uma sociedade pós-capitalista pudesse surgir, e que esta não seguiria a lógica de classe burguesa, mas com o proletariado sendo aquele que conduziria este novo projeto.

A análise sobre as ideias marxistas enquanto campo que questiona as ideias liberais auxilia a compreensão de como esse pensamento foi importante para o século XX enquanto uma contraposição, culminando em revoluções e organizações de partidos políticos baseados nessas ideias.

Sousa Santos chama atenção para compreender que essa polarização, assim como outras, sempre trabalharam no sentido de contestar o que é hegemônico.

Nesse sentido o autor traz a ideia de que a pós-modernidade de oposição vem com o intuito não só de posicionar contra o que é vigente, mas de se posicionar enquanto um movimento que parte das margens para conseguir construir a sua crítica sobre o projeto da modernidade, buscando dentre seus escombros as culturas suprimidas, colonizadas e marginalizadas pelo ideal moderno.

O autor propõe um trabalho de escavação, no sentido de promover este resgate, ele chama de “paradigma outro”. Esse trabalho se dá principalmente em locais onde a colonização foi mais presente, tentando fazer emergir as experiências desses locais, ou seja, “paradigma outro”.

As ideias de Sousa Santos nos auxiliam a compreender qual é o lugar da pessoa com deficiência nesse processo, uma vez que para a modernidade o conceito de defeito não estava previsto em seu projeto, ou seus processos, muito menos os saberes produzidos por essas pessoas e suas concepções. Uma prova disso foi o movimento do Congresso de Milão de 1880, onde, envolvidos na lógica

industrial, professores de surdos optaram por não seguir uma metodologia que envolvesse a língua utilizada por eles, no caso a Língua de Sinais.

Esse movimento resultou na tentativa de apagamento da língua de sinais, enquanto um saber das pessoas surdas e resultou na normalização através das práticas oralistas, que buscavam aproximar os surdos do modelo ouvinte.

Pós-modernidade e Pós-colonialismo de oposição

A pós-modernidade de oposição trabalha no sentido de resgatar o que a modernidade fez questão de consumir, através da colonização e de diversos movimentos que serviram para fortalecer o Norte e sua ideologia.

Em um primeiro momento o autor situa o movimento da modernidade como um movimento colonialista e como o desenvolvimento do capitalismo está relacionado a esse movimento.

Segundo Sousa Santos (2010)

Apesar de mutuamente constituídos, capitalismo e colonialismo não se confundem. O capitalismo pode desenvolver-se sem o colonialismo, enquanto relação política, como se verificou historicamente, mas não o pode fazer sem o colonialismo enquanto regulação social, aquilo que, no seguimento de Anibal Quijano (2000), podemos designar por colonialidade do poder e do saber. Como caracterização possível do colonialismo, uma caracterização suficientemente ampla para abranger todo o polimorfismo deste, proponho o seguinte: o conjunto de trocas extremamente desiguais que assentam na privação da humanidade da parte mais fraca como condição para sobreexplorar ou para excluir como descartável. (p.37)

Capitalismo e Colonialismo se complementaram. O primeiro impetrando as normas da exploração através de suas maquinarias e o segundo ditou a regulação das sociedades colonizadas, por meio de seus mecanismo ideológicos. Dessa somatória resultaram diversas nações subjulgadas e um grande epistemicídio cultural.

Por isso, Sousa Santos propõe a existência de um movimento de pós-modernidade de oposição, que leve em conta as heranças deixadas pelo movimento colonialista, no intuito de compreendê-las e combatê-las.

É de extrema importância a crítica ao capitalismo, pois é nele que estão centradas as relações econômicas e porque ele sobreviveu à modernidade. Outro ponto sinalizado pelo autor é a descentralização da Europa, para que possam ser possíveis outras compreensões de mundo.

Para fazer essa crítica o autor propõe um movimento denominado de pós-colonialismo de oposição no intuito de compreender como que se deram os momentos específicos da colonização – colonização ibérica, britânica, francesa, etc. Pois, ele entende que há uma distinção nesses movimentos. E para compreendê-los é necessário fazer este trabalho de descentralização da Europa.

Em conclusão, o pós-colonialismo de oposição que advogo e que decorre organicamente do pós-modernismo de oposição que tenho vindo a defender, obriga a ir, não só mais além do pós-modernismo, como mais além do pós-colonialismo. Convida a uma compreensão não ocidental do mundo em toda a sua complexidade e na qual há-de caber a tão indispensável quanto inadequada compreensão ocidental do ocidental e não-ocidental. (p.41)

Os movimentos de pós-modernidade crítica e pós-colonialismo crítico, podem auxiliar a compreender onde estava a escola dentro dessa lógica capitalista e colonial.

Para compreendermos como esses movimentos contra-hegemônicos podem se dar no campo da Educação Especial, precisamos compreender em primeiro lugar que a educação como um todo viveu esse momento histórico do colonialismo, quanto do pós-colonialismo e como instituição representou o ideário de época, priorizando a educação da pessoa sem deficiência, tanto na história do mundo, quanto na do Brasil, reduzindo às pessoas com deficiência a espaços regulatórios e excludentes.

Nesse sentido é importante destacar que assim como os movimentos que Sousa Santos destaca em sua obra, os movimentos pró-inclusão das pessoas com deficiência são movimentos muito recentes e ainda estão em construção, em um primeiro momento pela lógica europeia, mas aos poucos eles tem se consolidado a partir das lógicas do Sul, em países como o Brasil.

O Trabalho de Tradução

A partir dessa reflexão, necessitamos de algumas ferramentas para resgatar os conhecimentos desperdiçados, uma delas é a tradução, segundo Sousa Santos.

O trabalho de tradução, segundo o autor *é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências* (p.123).

A ideia da tradução é fazer o movimento oposto ao de afirmação da condição hegemônica, consideramos aqui a importância da experiência como um fato fundamental para a construção de outras lógicas possíveis. Afinal, no trabalho de tradução as experiências são vistas como parte do todo. Ainda segundo o autor

O trabalho de tradução procura captar estes dois momentos: a relação hegemônica entre as experiências e o que nestas está para além dessa relação. É neste duplo movimento que as experiências sociais, reveladas pela sociologia das ausências e pela sociologia das emergências, se oferecem as relações de inteligibilidade recíproca que não redundem na canibalização de umas por outras. (Santos, 2010a, p.124)

Desse modo, pensar na perspectiva deste trabalho é considerar que existem outras possibilidades para além do pensamento hegemônico.

Assim, temos que

Do ponto de vista da razão cosmopolita que aqui proponho, a tarefa diante de nós não é tanto a de identificar novas totalidades, ou de adoptar outros sentidos gerais para a transformação social, como de propor novas formas de pensar essas totalidades e esses sentidos e novos processos de realizar convergências éticas e políticas. (Santos, 2010a, p.123)

Realizar convergências éticas e políticas seria o caminho alternativo, pois este novo sentido dado propõe compreender teoricamente o mundo a partir de possibilidades e não de uma teoria geral, logo, isso seria pautado na razão cosmopolita.

Ao propor o trabalho de tradução como alternativa a compreensão do mundo,

Sousa Santos (2010) sinaliza que a tradução assume a forma hermenêutica diatópica. (p.124). O ato de traduzir seria uma interpretação que está aberta a variação e não engessado a uma “verdade absoluta”.

Para realizar a tradução temos mais dois trabalhos de hermenêutica diatópica: a tradução entre diferentes concepções de vida produtiva e a tradução entre várias concepções de sabedoria e diferentes visões de mundo. (p.124/125)

Esses dois exercícios da hermenêutica diatópica tratam das dimensões múltiplas existentes no mundo, e que, apesar das grandes narrativas totalizantes, é possível encontrarmos outros modos de narrar o presente, seja através formas de organizações sociais alternativas ou de modos diferentes de olhar para a história.

A hermenêutica diatópica parte da ideia de que todas as culturas são incompletas e, portanto, podem ser enriquecidas pelo diálogo e pelo confronto com outras culturas. Admitir a relatividade das culturas não implica adoptar sem mais o relativismo como atitude filosófica. Implica, sim, conceber o universalismo como uma particularidade ocidental cuja a supremacia como ideia não reside em si mesma, mas antes na supremacia dos interesses que a sustentam. (SOUSA SANTOS, 2010a, p.126)

O trabalho de tradução mostra-se profícuo por ser tratar de algo que considera a experiência como algo que devemos observar ao fazer nossas leituras do mundo.

Outra consideração sobre a tradução é que esta pode ocorrer em diversos espaços com configurações distintas.

O trabalho de tradução tanto pode ocorrer entre saberes hegemónicos e saberes não-hegemónicos como pode ocorrer em diferentes saberes não-hegemónicos. A importância deste último trabalho de tradução reside em que só através da inteligibilidade recíproca e consequentemente possibilidade de agregação entre saberes não-hegemónicos é possível construir a contra-hegemónia.(SOUSA SANTOS, 2010a, p.126)

Compreendemos que o que o autor denomina de contra-hegemónico seriam outros movimentos para além do que já está posto pela tradição científica, tomando como referência alguns pontos como a experiência, que anteriormente não eram vistos como referência de conhecimento.

A tradução auxilia a entender o que se dá dentro dos diferentes movimentos e das diferentes práticas, de modo que a partir desse entendimento possamos tensionar ou flexibilizar a relação entre eles, levando em conta principalmente de que não existem indivíduo, ou história, mas indivíduos e histórias. Ampliar esse campo, no entendimento de Sousa Santos é enxergar “constelações de práticas com maior potencial contra-hegemônico” (p.127). Segundo o autor, a tradução é um movimento intelectual e político. (p.129)

A tradução é uma ferramenta primordial para desvelar as questões que envolvem a Educação Especial, seja no cotidiano escolar ou nas políticas educacionais, pois a partir da compreensão das experiências e da aproximação pelas zonas de contato, é possível conhecer práticas e movimentos que envolvem a área e a partir daí construir críticas e proposições.

Considerações Finais

Levando em conta à discussão proposta por Sousa Santos, compreendemos como o autor vai assumindo uma postura crítica frente à lógica cartesiana instaurada pela modernidade.

É muito importante para os estudiosos da área da Educação Especial compreender como esse movimento se deu, pois fica claro o papel que a pessoa com deficiência ocupou ao longo da história e como é urgente a desconstrução do mesmo por meio de posturas críticas como as defendidas pelo autor.

Fica claro na exposição de Sousa Santos a importância de produzirmos um saber do Sul, pelo resgate dos conhecimentos que foram colonizados ao longo da história, tanto para a produção de uma nova epistemologia quanto para produzirmos um conhecimento significativo, que tem relação como o que vivemos.

Assim, podemos considerar que se faz necessário a busca de uma postura crítica por parte dos pesquisadores da Educação Especial, frente ao que se passou, mas também frente ao que continua enquanto permanência do modelo

colonial, pois é de suma importância a ruptura com este modelo para a construção de um conhecimento local que legitime os saberes produzidos pelas pessoas com deficiência dentro das instituições escolares.

Referências

BIANCHETTI, Lucídio. **Aspectos históricos da Educação Especial**. Revista Brasileira de Educação Especial. Vol. 02/nº03, 1995, p.07-19.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro**. A Gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010, p. 25-48.